

Economia - Brasil

Diniz acha que o Brasil precisa

SÃO PAULO — "O Brasil terá de voltar a crescer a uma taxa anual de sete por cento para ter condições de absorver 1,4 milhão de novos empregos" — afirmou ontem o Diretor-Superintendente do Grupo Pão de Açúcar, Abílio dos Santos Diniz, durante discurso no almoço promovido pela Câmara Americana de Comércio.

— O principal problema que o próximo Governo terá de enfrentar será o desemprego — assinalou Diniz.

Segundo o empresário, o número de desempregados no Brasil atinge hoje quatro milhões, o que representa oito por cento da População Economicamente Ativa (PEA), estimada em 50 milhões de trabalhadores.

Na opinião de Abílio Diniz, a pequena reativação econômica registrada no primeiro semestre foi capaz de criar 40 mil empregos na indústria. Diniz considera limitada essa reabsorção, pois no período 1981/83 foram demitidas mais de 400 mil pessoas.

O Superintendente do Grupo Pão de Açúcar acredita que a proposta de o País crescer à taxa de sete por cento ao ano tem condições de ser aceita pelo Fundo Monetário Internacionaol (FMI) e pelos bancos credores, desde que o novo Governo apresente um programa econômico coerente.

A retomada do crescimento passa necessariamente pela renegociação da dívida externa, observou o empresário. Basicamente, Diniz considera que os novos ministros da área econômica terão credibilidade suficiente junto aos credores a fim de poder reivindicar prazo de carência de cinco anos para o principal da dívida, pagando no período apenas uma parcela dos juros — 60 por cento —, sendo o restante capitalizado.

Para Abílio Diniz, trata-se de "uma falácia" a insistência do atual



Abílio Diniz e Enrique J. Sosa reunidos na Câmara de Comércio Americana

Governo ao afirmar que o crescimento da economia é incompatível com o balanço de pagamentos deficitário. Ele assegura que é plenamente possível crescer sete por cento ao ano e, ao mesmo tempo, reduzir o déficit de transações correntes, salientando que esse déficit teria de ser zerado até 1990.

O mercado financeiro deve estar a serviço da produção e não ser instrumento de pressão contra ela.

ABÍLIO DINIZ, Diretor-Superintendente do Grupo Pão de Açúcar

Governo ao afirmar que o crescimento da economia é incompatível com o balanço de pagamentos deficitário. Ele assegura que é plenamente possível crescer sete por cento ao ano e, ao mesmo tempo, reduzir o déficit de transações correntes, salientando que esse déficit teria de ser zerado até 1990.

Na outra ponta desse programa Abílio Diniz aponta como fundamental o estabelecimento de uma política efetiva de combate à inflação. Para isso, ele considera essencial que o novo Governo conceda prioridade à agricultura, possibilitando o aumento da produção de grãos e a estabilização de seus preços.

Diniz também defende a desindexação gradual da economia, através

de um redutor único para todas as atividades (ativos reais, financeiros e salários). O empresário, contudo, afirmou ser contrário à tese do professor Octávio Gouveia de Bulhões, ex-Ministro da Fazenda, que propõe a extinção imediata da correção monetária e o congelamento dos preços e salários.

O Superintendente do Grupo Pão de Açúcar acrescentou que tem de ser redefinido o papel do Estado na economia, pois hoje ele é responsável por mais de 50 por cento das atividades produtivas do País, para que a iniciativa privada tenha condições de ocupar maior espaço. Assim, disse, o Estado poderia se preocupar mais com investimentos em áreas básicas, como educação, transportes e saneamento.

INDÚSTRIA

Crescer 7% ao ano